

NIRLANDO BEIRÃO

# Meus começos e meu fim



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright ©2019 by Nirlando Beirão

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Thaís Totino Richter

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Beirão, Nirlando.

Meus começos e meu fim / Nirlando Beirão. — 1<sup>a</sup> ed. —  
São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3230-0

1. Beirão, Nirlando 2. Crônicas brasileiras 3. Jornalistas –  
Brasil – Autobiografia 1. Título.

19\_5630

CDD-B860.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas autobiográficas : Literatura brasileira B860.8

Maria Paula C. Riyuzu – Bibliotecária – CRB-8/7639

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

*Como podemos obter a verdade com palavras?*

Mestre Chan Niu-tou Fa-Yung (594-657,  
Yen-ling, China)

# Sumário

- A notícia, 9
- Juízo Final, 14
- O padre Beirão, 18
- Campos das Gerais, 24
- Ancestralidade, 28
- Futebol Clube, 31
- Belle époque tropical, 34
- O amor tem pernas, 38
- O vento não fala, 43
- Escorpião no galpão, 46
- Um brinde no seminário, 51
- De volta a Beira Alta, 54
- A cidade do sonho, 58
- É mulher, 60
- Futuro do pretérito, 65
- Pinups na cabeceira, 71
- Deus existe, 76
- Capitalismo monopolista, 81

- Rua da Trinitária, 96, 85  
O mal do exílio, 89  
Lusco-fusco, 94  
Labaredas de culpa, 98  
Boina, cardigã e compêndios de história, 103  
Aleph, 107  
Breaking news, 110  
Cena em família, 115  
Abraço no passado, 120  
A palavra obrigatória, 123  
Últimas palavras, 128  
Ampulheta e cotonetes, 133  
Presidente Bossa-Nova, 136  
Sonhos, sonhos são, 139  
O derradeiro labirinto, 142  
Tom maior, 147  
Uma questão genética, 153  
Fanático do Apocalipse, 156  
Uma ficção que deu certo, 161  
Ponto e vírgula, 166  
Um antropólogo no sus, 170  
Madeleines mineiras, 173  
Não vai ter Copa, 178  
O processo do fim, 181  
Uma última mentira, 185

# A notícia

No início de julho de 2016 — o dia eu tenho com certeza anotado, mas é hoje cruelmente irrelevante — fui diagnosticado com uma doença degenerativa do neurônio motor.

“Degenerativa” é uma palavra que tira você para dançar — uma dança de medo. “Degenerativa”, a palavra me pinçou a alma quando o médico a pronunciou, me tirou o chão.

Foi como se tivesse sido de repente transportado do aséptico cenário do consultório para uma irrealdade leitosa, distante dali, indecifrável no primeiro contato, mas sabidamente sinistra e hostil. A consciência piscou.

As pessoas, ao morrer, vivenciam um estrépito de lzes — é o que dizem os espiritualistas. Eu, ali, frente a uma revelação de trevas, como que ingressava na penumbra fosca de um corredor sem saída.

Tenho dificuldade em acolher más notícias. Costumo desligar o botão do pânico.

Mais uma vez, me abstraí num autismo boquiaberto enquanto o neurologista traçava, com punho firme de artista, o esboço didático da minha moléstia. Um círculo perfeito, a que ele chamou de coluna, e dentro uma figura com tentáculos, o assim denominado neurônio central.

Naquele molusco insidioso reside a essência de minha tragédia. Ele decidira falhar, inapelavelmente, numa — aprendi pelo Google — conjuração tóxica de enzimas.

Doença sem cura e sem piedade, mas cujas consequências, as mais paralisantes, podem ser adiadas, me tentam convencer, por um elenco de paliativos, um medicamento aqui, muita fisioterapia acolá, injeções japonesas de vitamina e uma dieta que compense a progressiva perda de massa muscular.

A minha, bem, condenação viera escrita em duas páginas bastante conclusivas, resultado de um exame — eletroneuromiografia — que fiz depois de muito azucrinar mais de um neurologista. Minúcias de números ilustravam a sentença diabólica.

A ignorância me protegeu do perigo que poderia vir do tal exame — e que acabou de fato vindo. Cheguei a brincar, após a longa sequência de choques e de picadelas de agulhas: “Parecia o doi-Codi”. Comparação idiota, de mau gosto, que agora me irrita.

Fico me perguntando se não teria sido melhor ignorar a sugestão da minha jovem instrutora de pilates, inconformada com aquele pé esquerdo que omitia certos movimentos elementares, e também da fisioterapeuta, preocupada com a minha démarche já oscilante de beberrão de rua.

Que consolador seria se ainda estivesse iludido com

contratempos ortopédicos de um mero joelho *craquelé*, mesmo que ao custo eventual de uma ou outra queda de incômoda surpresa, como vinha se tornando rotina.

É fatal que eu fique escrutinando o futuro, com a ansiedade hasteada, em busca da resposta impossível sobre o tempo que ainda resta. Mas é o passado que me subjuga, dia e noite, enumerando, como numa penitência sem remissão, tudo aquilo que nunca fiz e que talvez devesse ter feito — e que nunca mais farei.

Nunca aprendi a nadar. Nunca fui um companheiro incondicional. Nunca pilotei uma Ferrari. Nunca fiz sexo debaixo da escada. Nunca mais voltei a Nova York. Nunca fui a Cartagena. Nunca recebi o Prêmio Esso. Nunca me hospedei no Ritz de Paris (nem no de Madri). Nunca fui poeta (rabisquei, é verdade, um único poema, de duvidosa *artesanía*, condoído pela morte do menino refugiado, seu corpo inerte numa praia da Grécia). Nunca pensei na aposentadoria que me deixaria hoje confortável. Nunca. Nunca. Nunca...

Minha companheira de todos os dias passou a ser a palavra “limite”. Tentar tornar os obstáculos mais elásticos é o que me resta, na ansiedade de um legado ainda sonhando. Meu repertório — de novo, limitado — me sugere um livro. O meu livro, como cobram os amigos, em desafio que me arrepia.

De uns três anos para cá eu vinha arrastando um compromisso assumido comigo mesmo, o de narrar a saga amorosa de minha avó e meu avô. Talvez assim pudesse burlar o tabu familiar envolto em sussurros e em culpa pelo fato de meu avô ser pároco de uma cidadezinha do interior quando trocou o amor divino pela paixão terrena.

Digo compromisso, mas na verdade pressenti que a

narrativa iria ter mais a ver com prazer do que com dever. Me fascina trafegar pelos interstícios do silêncio sufocado, e o que a família fez foi exatamente tentar calar, pelo pavor da danação eterna, uma bela história de amor. O deus barbudo, ditador dos cânones morais, não perdoaria vovô e vovó pela impertinência de um ardor interdito.

O proibido do caso me atraiu. Mais ainda, me entusiasmou o desfrute de ir juntando, para construir uma narrativa, os cacos de um mosaico imperfeito, pedacinhos de inconfidências que nem sempre se encaixavam com a necessária coerência.

Sem que me desse conta, o passado familiar se emaranhou nas vivências do momento. Uma narrativa se fundiu à outra. Falar de um amor proibido e corajoso pode compensar minha tendência de, ao falar de mim, me deixar levar por um acervo de autocomiseração (como gosto dessa palavra!).

A narrativa que aqui percorro dormitava em projeto indolente que eu haveria um dia de concluir. Comecei lentamente, remexendo memórias lusitanas, mas minha atual condição desencadeou uma urgência ansiosa. Em torpores notívagos, não consigo desvencilhar da doença progressiva um rastro de culpa pecaminosa, como se eu estivesse sendo punido por uma praga rogada, uma penitência alheia, ainda que herdada de minha ancestralidade.

Não tenho, porém, vocação para o sacrifício beatífico. Despertar de minha vigília atormentada, e a lembrança que me vem do padre Beirão, de Oliveira, e de sua desaforada paixão confere alívio, não sofrimento. Preciso continuar me revigorando aqui com o eco antes sufocado de uma ripécia de amor e audácia.

\* \* \*

As palavras me despertam à noite, em escrevinhação borbulhante que, no entanto, apago à luz do sol. Assim tenho vivido. Entre o passado que assoma, carregado de culpas, de frustrações e de buracos, e o futuro de enigma insondável, sorvo, no presente, o duvidoso privilégio de chorar todos os dias a minha própria morte.